



“DAQUI DO GRUPO, VOCÊ É A MAIS AFEMINADA” - A PERFORMATIVIDADE GAY EM CONTEXTOS DE INTERAÇÃO ONLINE

Antônio Gabriel Feitosa Rolim

gabrieo.antoniorolim@gmail.com

RESUMO: Este artigo é derivado de minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso, apresentando um de seus eixos, que se monta sobre um estudo qualitativo de natureza exploratório-descritiva, da área de gênero e sexualidade, que investiga como os sujeitos significam suas experiências afetivo-sexuais em contextos de sociabilidades *online* e como constituem processos identitários sobre sua homoafetividade. Foi utilizado o método entográfico online, avaliando postagens públicas de uma comunidade no facebook sob a ótica da análise do discurso de linha francesa. Os resultados permitem observar que a condição feminina é questionada pelo público gay, criando um ambiente de segmentação social e a partir disso um clima de instabilidade, onde os sujeitos acabam reproduzindo uma lógica machista ao mesmo tempo em que tentam se desvincular da figura negativizada, adicionando um diferencial sobre si quando colocado nela.

Palavras-chave: Netnografia; Sexualidade; Performance; Homosociabilidade. Internet.

INTRODUÇÃO¹

A pesquisa surgiu de uma inquietação pessoal sobre como pensar a diversidade e do processo acadêmico vivido. Desta forma, coloco-me na função de interlocutor perante o leitor da obra.

Para compreender a homossexualidade, faz-se necessário rever Nogueira (2011), que postula sobre as primeiras criações teóricas sobre o gênero, pautadas por uma base biológica e sexual, angariando aos genitais dos sujeitos a definição de homem ou mulher, bem como aspectos cognitivos, relacionais e

morais. Em meados do século XX, pensou-se a formação do sujeito a partir do viés da socialização, colocando o sujeito como fruto da cultura, não inato.

Várias outras teorias surgiram, mas adoto a posição teórica do gênero como um processo, baseado numa perspectiva construtivista, como sugere a autora supracitada. Desta forma, penso masculinidades e feminilidades como forjadas das construções sociais; de sujeitos e identidades construídos discursivamente num processo histórico, político e social.

Num resgate histórico-social sobre a homossexualidade, resguardo-me a Parker (1991; 2002) e Trevisan (2011), para falar da condição abjeta que tal categoria fora colocada, partindo de viés religioso, oferecendo o despojo às práticas sexuais dissidentes do padrão canônico:

¹ Este trabalho é derivado do meu Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado na Universidade Federal do Vale do São Francisco, tido com aprovado, sob orientação da Prof^a Ms. Samella Vieira dos Santos, lotada no departamento de Psicologia, com o título original de “*Bicha sim, e com orgulho: reflexões sobre a performatividade gay em contextos de interação online*”. Para tanto, o trabalho original compreende análise de três situações (postagens) e o que trago aqui é a reapresentação de uma delas.



heterossexual, pós-matrimônio e com fins de reprodução. As relações eram vistas sob uma dualidade: o homem voraz, forte e viril, e a mulher seu oposto.

Mais adiante, a religião perde espaço para a medicina, a educação, a política, dentre outros no quesito legislação sexual. E pelos poderes biopolíticos, a sexualidade passa a ser constituída por processos patológicos, exigindo intervenção terapêutica, como tratamentos de reversão da homossexualidade, adiante apoiada pela Psicologia e pelo discurso da Psicanálise.

Numa leitura de Rubin (2003), percebemos que o *status* heterossexual gozava de sanidade mental, respeitabilidade, licitude, direito de ir e vir, benefícios materiais e apoio institucional, os contrários não. A sociedade americana criou um universo de epidemia moral, onde o gay era apedrejado pela política, sociedade, saúde e pelo direito, num processo que chamou-se “morte social” (AYRES et al, 2008, p.393). Essa situação fez o governo impor marcadores ao sujeito, para identificá-los e puni-los.

São esses marcadores a quem quero trazer, de forma que diante das performances femininas e masculinas previamente ditas, a figura do gay causava furor ao se mostrar como um híbrido. Questionava a masculinidade com sua feminilidade, mas não se enquadrava no feminino (PARKER, 1991;

2002). Fry & MacRae (1985), observam o gay como uma anomalia perigosa e perturbadora, que abandonara o papel de machão, sendo passivo, tornando-se uma espécie de fêmea. Nas palavras de Parker (2002), um sujeito fracassado.

A título de informação, o gay era reconhecido como o sujeito com jeito feminino e passivo na cama, pois apenas o homem poderia *comer*, a figura feminina teria o papel de *dar* (PARKER, 2002). Mas, para além do imaginário social, Parker (1991) diz que ao gay é permitido brincar com os papeis, de forma a reorganizar os papéis e *scripts*² sexuais.

Nesse sentido, a sexualidade se opera no que Preciado (2011) vai caracterizar como sexopolítica: com tecnologias de normatização dos corpos e performances, pensando essas nuances como regimes políticos, acima de tudo biopolítica. Para as políticas *Queer*³, Preciado nos fala do gênero não como produto de um sistema ou interventor numa matéria passiva, mas como “conjunto de dispositivos sexopolíticos” (p. 14), que tornar-se-á objeto de apoio para os movimentos sexuais das minorias.

² Oriundo do meio teatral, diz respeito ao roteiro a se seguir, a performance, por exemplo.

³ Traduzido do inglês como “estranho”, Queer é um termo usado para designar os sujeitos que estão fora dos padrões admitidos, no caso dissidentes, tais como: não binários, gays, trans, e etc.



Apresentando o contexto social, de uma sociedade tradicional para um processo de globalização, Hall (2006) diz que as identidades hoje se consolidam de forma múltipla e plural, e graças à globalização é possível realizar-se um intercâmbio cultural, incidindo sobre seu processo de formação identitária – um campo de possibilidades.

Toda essa literatura me faz olhar pra homossexualidade com derivada de questões históricas, pessoais e sociais, mas não passiva, pois, de acordo com Louro (2003), o sujeito reage, aceita, resiste, negocia e também transgrede, adotando uma ideia de identidade social - o espaço de possibilidades em que o sujeito pode existir e mostrar-se. Para Nunan (2007) a performance gay estaria condicionada, também, a fatores como vergonha, medo e desolação orientados num espaço de convívio social.

E, diante de tamanho impedimento, a *internet* surge como subterfúgio da sexualidade, onde, segundo Le Breton (2003), é possível o gozo no anonimato, longe das amarras físicas que demarcam o corpo, ofertando a possibilidade de montar a si mesmo tal qual se enxerga, gozando de um espaço de proteção. Essa ideia lembra os espaços neutros apresentados por Foucault (1988), espaços longe do olhar inquisidor. Le Breton (2003) ainda reitera que a vivência nesses espaços, *cibercultura*, requer nível

cultural similar e discernimento discursivo para garantir a comunicação, ainda que o mesmo o considere como ofertante de um nível de igualdade aos corpos no espaço online.

Mesmo diante de potências políticas de vida, na homoafetividade, hoje, ainda é possível perceber modos de vida que se relegam às instâncias privadas, com características fixas e universais e patológicas. Por tais concepções, fadam-se ao privado, longe do olhar inquisidor, na tentativa de uma vivência de sua identidade pessoal frente ao estigma (GOFFMAN, 1988).

Assim, os objetivos do trabalho foram investigar como os sujeitos homossexuais significam suas experiências afetivo-sexuais em contextos de sociabilidades *online* e como constituem processos identitários sobre sua homoafetividade.

METODOLOGIA

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório-descritivo, buscando compreender como os sujeitos representam/constroem seu contexto, a partir do viés netnográfico de Mann & Stewart (2000). A amostra obedece ao princípio não-probabilístico, com dados coletados a partir de amostras fáceis de encontrar e avaliar (Gressler, 2003). A pesquisa netnográfica⁴

⁴ Etnografia online.



exigiu imersão antecipada e prolongada no ambiente, para que fosse apercebendo-se dos modos de sociabilidade, aspectos micro e macro, e tornar-se parte dele.

A técnica utilizada foi observação online, de Mann e Stewart (2000), que consiste em captar o comportamento linguístico, seja ele não-verbal, verbal ou extralinguístico⁵, buscando apreender os dados na forma e contexto mais natural possível.

Essa técnica permite compreender ações, comportamentos, reações e interações (MERCADO, 2009). A posição adotada pelos pesquisadores foi a “lurking” (DENZIN, 1999, 122, apud MANN & STEWART, 2000), como observador silencioso que apenas acompanha o que vem sendo feito e discutido na rede. Para Mercado (2009), esse método pretende marcar os encontros e desencontros no cotidiano *online*, apresentar os atores sociais e suas representações, decifrar e reconstruir seus códigos linguísticos, feitos e refeitos cotidianamente.

Os dados foram analisados à luz da análise do discurso de linha francesa (FOUCAULT, 1999), relacionando os aspectos teóricos, com foco na compreensão sobre os manejos nas relações, interações e comportamentos intra e extragrúpicos e suas

representações, procurando entender como isso influencia o regime de segregação social e identitária, partindo da perspectiva da modernidade e dos estudos sobre a homoafetividade.

Essa perspectiva de análise exige um olhar diferenciado sobre o discurso, não devendo tratá-lo com conjunto de signos, mas como práticas que, organizadas, formam os objetos dos quais falam. Abstêm-se da prática de reducionismo, desprendendo-se da língua e do ato de fala; considera os contextos de produção das falas. Para Foucault (1999), todo discurso está sujeito a uma sociedade, à qual controla, determina, seleciona procedimentos como forma de negar algo ou proibir - elas existem como conjectura, como afirmação.

Por não se enquadrar nos requisitos da normativa 466/2012 que trata da ética em pesquisa envolvendo seres humanos, a pesquisa da qual esse artigo é fruto prescindiu da autorização do Comitê Ética e Deontologia.

Entretanto, mesmo compreendendo o caráter público que as postagens na *internet* assumem, compreendo que seus transeuntes gozam dos mesmos direitos que na vida *offline* e, portanto, adoto aqui também uma postura ética com meus interlocutores.

A pesquisa foi realizada na quinta Era, de julho a outubro de 2015, composta de

⁵ Exterior ao campo da linguagem. Fonte: Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.



cerca de 27 mil membros, sendo sua maioria brasileiros e LGBTs⁶.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Lana Del Ray Vevo Lives (LDRV)

O Lana é um grupo de entretenimento, com constante movimentação e discussões sobre temáticas que vão desde a vergonha que passou ao sair de casa, até aos problemas enfrentados diante da sexualidade. Seu nome é dado em referência à temática de “Divas pop”, assunto comum dentro da categoria homossexual. O grupo está na sua nona edição, que convém chamar de *Eras*⁷ – quando um grupo é desfeito, os membros criam outro e a “vida segue”.

Dispõe de um aparato linguístico peculiar, fazendo uso de memes (ou foto-montagens que representam dada situação/opinião) como discurso e de um vocabulário próprio. A administração do grupo existe para que sejam garantidas as regras de boa convivência, deixando evidente espaço para compartilhar de forma aberta, segredos, relatos, no intuito de inovar, dando “boas-vindas ao close”⁸. As regras estão dispostas em postagens fixas e advertem sobre o close errado e suas punições – o banimento. O Censo LDRV aponta que o

⁶ A pesquisa original tem uma análise de 3 *tours*, com 543 comentários que permitiam responder aos objetivos da pesquisa.

⁷ Temporada;

⁸ Ganhar a atenção.

grupo é de abrangência nacional e internacional, ratificando apenas as localidades nacionais. Além de tudo, existe uma cultura de boas ações e ativismo político, voltado para desconstrução de preconceitos e defesa da diversidade.

A tour

A *tour* analisada recebeu 609 curtidas e 266 comentários. Seu conteúdo mostrava, através do recurso *print screen*⁹, um gay tentando agredir outro com os dizeres “viadinho”, “bicha do caralho” e “afeminada”, no HORNET¹⁰. A postagem no Facebook foi feita como o intuito, por parte de quem a fez, de convidar os demais membros do Lana a retaliar a agressão sofrida: *vamos oprimir os opressores?* Muitas das respostas compuseram-se de bordões e memes¹¹, do tipo deboche, satisfação, apoio, repúdio, reafirmando o preconceito ou contrariando a postura. A atitude tomada por quem iniciou a postagem foi aprovada pela maioria dos participantes da discussão (109 comentários), sendo menos da metade contrários (39). Os outros 118 comentários, ou não opinaram ou trouxeram outras discussões a partir disso, sobre os temas: posição e papel social da afeminada, gostos e padrão normativo.

⁹ Captura de tela.

¹⁰ Aplicativo de sociabilidade gay.

¹¹ Tipo de mensagem em que se utiliza de imagens para representar textos e reações.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Pode-se pensar a homofobia como uma herança cultural advinda de outras moções da sociedade, numa leitura de Giddens (2003), pensando nossos movimentos e nuances identitárias advindos de uma posição alienante. Nesse contexto, pensa-se a homofobia como oriunda do machismo, numa sociedade organizada a partir da matriz do falo, heterocentrada e pré-organizada. Preciado (2014) discorre sobre essa divisão sexual, dizendo que, quando se passou a dividir a sociedade entre homens e mulheres, possibilitou a sujeição de um ao outro, a partir das relações de produção e reprodução.

Tomando esse discurso como base, necessita-se rever a ideia da gay afeminada ligada à pirâmide sexual de Rubin (2003) e às discussões sobre invenção do falo de Durval Muniz (2003) para entender esse movimento de preconceito. Pensar a gay afeminada como o ser de mais baixa posição é voltar algumas décadas e esboçar considerações sobre a alienante invenção de macheza (ou falo), pautadas no heterocentrismo, de que a propositura masculina é algo imutável e todas as demais nuances seriam aberrações da natureza, passíveis de correção.

É nesse contexto que a gay afeminada se insere, sendo, inclusive, elaborada culturalmente: é aquela que solta a franga, que usa saia, vestido e salto alto, que usa

maquiagem exagerada, que fala fino e que é passiva sexualmente. E por ser tão divergente da ideia de masculino, dão-lhe a condição de feminilidade falha, demandando-lhe espaços restritos para sua vivência, pois acabaria manchando a imagem do gay, que insiste em manter um papel discreto.

Observamos que na postagem há certo teor prescritivo: ideias de masculino e feminino, homoafetividades e performances. A reafirmação do preconceito contra figuras sexuais, aqui o passivo sexual, manifesta-se quando se tenta agredir o sujeito, sobrepujando sua performance sexual, acusando-o de passiva - *“morto. aposto que é uma putinha passiva descontrolada na cama e fica chamando os outros de bixa e viadinho pra ofender”*, dizendo ainda que este não teria o comportamento heterossexual, pressupondo ser esse seu intuito - *“Como se ele fosse muito hetero né?”*; condenando-o por ser afeminado.

Nunan (2007; 2010) já observava esse movimento entre gays, chamando de preconceito internalizado, onde os próprios gays delimitam padrões de postura para consigo mesmos, apoiando uma ação muito combatida pelos movimentos sociais: a cristalização de papéis/posturas. Preciado (2014) observa esse movimento como uma tecnologia que atua sobre os corpos e ao mesmo tempo uma construção tecnológica



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

alinhada a concepções históricas: heteronormatividade. Os corpos, ao serem definidos como corpos-homem ou corpos-mulher, seriam obrigados a se adequarem aos padrões estabelecidos, do contrário seriam abjetos à ordem natural. A partir disso, pode-se pensar nos sujeitos como replicadores de um sistema social vigente há décadas.

E é a partir dessa discussão que se observa uma divisão, onde os sujeitos passam a ser realocados: gays não-gays (bichas, afeminados e afins) e os gays (discretos, fora do meio e afins). Uma condição similar à pirâmide sexual americana apresentada por Rubin (2003), onde quanto mais desviante da performance esperada for o sujeito, mais é diminuído, ao ponto de ser passível de injúria e cessão de direitos.

Na dinâmica dos roteiros sexuais e das escolhas do parceiro, a conduta falocentrista indica que os sujeitos se colocam como homens e negam qualquer forma de feminilidade. Frases como “*não curto afeminado*” denota o que Parreiras (2009) vem falar da exaltação de macheza e da substituição do rosto pelo órgão sexual, como identidade, fazendo referência à performance e os corpos ideais à serem adotados.

Preciado (2014) ao tratar dos sujeitos *intersex*¹², coloca quanto o investimento biopolítico é custoso na dimensão que,

amparada nos estudos de Money, os processos de aproximações identitárias dependem, em suma, do desenvolvimento de sua genitália. Pode-se perceber que, no contexto pesquisa, àquelas fotos em que os homens se apresentavam como másculos e sarados eram sobremaneira mais valorizados pelos membros da comunidade como objetos de desejo: afinal, quanto maior o pacote, mais macho é.

Os mecanismos de resistência indicam possibilidades de ressignificação do discurso. Muitos foram os comentários em que houve um rechaço a ideia de que a afeminada é algo pejorativo: “*velha ideia de que ser afeminada é ruim e ser MASCULINO é o verdadeiro ideal*”; “*Gente, essas gays que chamam as outras de „viadinho do caralho” e se orgulham de serem „másculas” me dão um nojo*”; “*Ce ta querendo “oprimir os opressores” CHAMANDO DE AFEMINADA????????*” – “*Ce ta fazendo a mesma coisa linda, colocando isso como forma negativa*”.

Tal posicionamento lembra a marcante ação política pela assunção da bicha, conhecida por *performatividade queer*, onde os sujeitos incorporam e transformam o significado da ideia que lhes é posta. Assim, o termo perde o significado inicial e se transforma em um instrumento de luta: “*bicha sim e com orgulho*”.

¹² Sujeitos sem sexo definidos, hermafroditas.



Sabe-se que a figura do afeminado sofreu com as políticas de limpeza social, e esse mesmo gay ocupa visão universal do homossexual (PARKER, 1991; 2002), o que parece causar revolta em alguns sujeitos, que tentam desconstruir essa imagem do gay, negativizando a bicha, colocando-a como um sujeito diferente da ideia de gay, com total desmerecimento a sua atuação no âmbito político, mas a resistência se tece no discurso: *“Afeminada é um rótulo (a)more(s), somos todas viadas iguais”*.

Preciado (2014) fala da nomenclatura como uma máscara para transpor a divisão das relações de poder e impor aos sujeitos padrões, condutas e limites a serem mantidos, que transpassam gerações e ainda hoje se mostram influentes. Nas palavras de um dos sujeitos: *“a heteronormatividade é um vírus que fomos alimentando a vida inteira”*.

O empoderamento frente aos padrões faz com que se resgate toda uma militância pelo direito de ser *Queer* e trazem consigo, também, o combate pela iniquidade de gênero: *“Engraçado como tudo que se relaciona com o feminino é sempre menosprezado... Um homem com características femininas é um crime”* e o sujeito não erra ao afirmar que a conduta feminina num homem é (e desde muito tem sido) tratada na forma de crime. Sua condição de abjeção nos indica que a vivência das

sexualidades ainda não consegue avançar na garantia de projetos de felicidade e de modos de vidas diversos.

Os papéis recaem sob a ótica da construção social: *“amigo, me desculpe se você aceita o gosto que a vida te impôs, eu não funciono dessa forma. Eu gosto de homens e é isso. Só não justifica o preconceito com „É meu jeito, eu nasci gostando assim”*”. Parece existir uma ideia de que se fala de construção de gostos, performances e vidas, fato que demarca o posicionamento teórico e epistemológico deste artigo; as teorias sociais indicam que o sujeito do discurso também é fruto dele.

Por fim, a perspectiva dos sentimentos de sofrimento e culpabilização sobre sua própria posição que remete ao gay é transferida para uma compreensão maior da problemática em que vivem: *“o problema não somos nós, nós admitimos a variedade de personalidades. Quem que está impondo um padrão heteronormativo é justamente os gays que “não suportam afeminados”; ou: “oprimir os opressores chamando eles de afeminada? Mas afeminada é algo mara, tem que chamar é de homofóbico”*.

CONCLUSÕES

Diante das proposições, pensa-se nas questões levantadas a partir da fundamentação



teórica e esboça-se que parece haver uma distribuição das figuras sexuais em boas e ruins, inferior e superior, ligadas a uma ideia social. Caso o sujeito venha a pertencer a algumas delas, se coloca como uma figura diferente na classe, como forma de se sobressair “*sou passivo, dou o cu, mas sou macho*”. E é esse modo de identificação que segmenta a categoria – definir-se por comparativos - trazendo traços de determinantes sociais e históricos.

Pensando de outra forma, a classificação negativa do gay afeminado diante da padronização, fala muito sobre uma questão externa introjetada pelos sujeitos, mas dá margem a pensar no potencial do machismo, orientando outras moções: homofobia, transfobia.

O contexto visitado relembra as multidões queer, uma cultura política do não-padrão. E não só isso, um culto à figura das minorias, num aspecto de inversão de polaridades sociais. Há de fato um regime de segregação. O feminino e o masculino aqui se misturam e se perdem, adotando novas concepções. A relação sexual desprende-se da performance do gênero, para alguns. Outros tantos mantém as amarras que sustentam a sociedade, numa lógica binária de dois polos (ou cima ou baixo), assim como atribui-se características comportamentais e “identitárias” fixadas a sua performance.

Pensando na comunidade Lana, organizada como uma cultura, ela transmite opostos e questões de grande interesse acadêmico, uma sociedade *online* com personagens que também são *offlines* e produtores de fenômenos sociais: linguagem, cultura, imagens e sujeitos, dos quatro cantos do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYRES, J. R. de C. M; CALAZANS, G. J; FILHO, H. C. S. & FRAÇA-JUNIOR, I. Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção de saúde. In: CAMPOS, G. W de S. (Orgs). *Tratado de saúde coletiva*. São Paulo: Hiutec; Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008. p 375-418.

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino*. Maceió: Edições Catavento, 2003. 256p.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade do saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 155 p.

_____. *A ordem do discurso: aula inaugural no collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. 79p.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

FRY, P. & MACRAE, E. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Abril Cultural e Brasiliense, 1985. 127 p.

GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988. 158 p.

GRESSLER, L. A. *Introdução à pesquisa: projetos e relatórios*. 1ª ed. São Paulo: Loyola, 2003. 295p.

HALL, S. 2006. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. 102p.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOURO, G. L.; NECKEL, J. F. & GOELLNER, S. V. (Ed). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2003. 191p.

LE BRETON, D. *Adeus ao corpo*. Tradução Marina Appenzeller. 4º ed. Campinas: Papyrus, 2009. 240 p.

MANN, C. & STEWART, F. *Introducing online methods*. In:_____. *Internet communication and qualitative research: a handbook for reseraching online*. London: Sage Publications, 2000. p 65-98.

MENDES, C. M. A pesquisa on-line: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. *Hipertextus*: n2, Jan2009.

Disponível em:
<http://www.hipertextus.net/volume2/Conrado-Moreira-MENDES.pdf>. Acesso em 15/04/2015.

MERCADO, L. P. L. Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia virtual. *Revista teia*, Rio de Janeiro, v13, n30, 2012. Disponível em: <
<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/1188/977>>. Acesso em 15/04/2015.

NOGUEIRA, C. Contribuições do Construcionismo Social a uma nova Psicologia do Gênero. *Cadernos de Pesquisa*, Portugal, n112, p137-153, mar. 2001. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/cp/n112/16105.pdf>. Acesso em 15/04/2015.

NUNAN, A. *Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado*. 2007. 390f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro, departamento de Psicologia, Rio de Janeiro. 2007.

_____; JABLONSKI, B. & FÉRES-CARNEIRO, T. O preconceito sexual internalizado por homossexuais masculinos. *Interação psicologia*, Rio de Janeiro, vol 14, n2, p. 255-262, 2010. Disponível em:
<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia>



</article/view/12212/13925>. Acesso em 20/06/2015.

PARKER, R. *Corpos, prazeres e desejos: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Tradução Maria Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Best Seller, 1991. 295 p.

_____. *Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Tradução de Rita Vinagre, Rio de Janeiro: Record, 2002. 380 p.

PARREIRAS, C. Fora do armário... Dentro da tela: notas sobre avatares, (homo)sexualidades e erotismo a partir de uma comunidade virtual. In: DÍAZ-BENÍTEZ, M. E. & FÍGARI, C. E. (Orgs). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p 343-372.

PRECIADO, B. Multidões queer: notas para uma política de anormais. *Estudos feministas*, Florianópolis, vol. 19, n1, p.11-20, Jan/abr 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100002>.

Acesso em 20/06/2015.

_____. *O manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014. 224p.

RUBIN, G. (2003) *Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade* [online]. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/12>

3456789/1229/rubin_pensando_o_sex.pdf?sequence=1. Acesso em 15/04/2015.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2011. 588p.

